

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 06

Data: 01.03.77

Pg.: \_\_\_\_\_

## Tribo dirá a Geisel que prefere a tutela

**ELIANA LUCENA**  
Enviada especial

Quando o presidente Geisel chegar a Aquidauana, Mato Grosso, para os festejos da Semana do Índio, em abril, receberá das mãos do vereador Jair de Oliveira, um índio terena, um pedido de toda a comunidade para que a emancipação do grupo, que vem sendo anunciada com insistência, não ocorra antes de cinco anos, prazo mínimo, segundo eles, para que o grupo seja preparado para competir, em condições de igualdade, com a comunidade nacional.

Embora o ministro do Interior Rangel Reis tenha afirmado que para ele a política indigenista do atual governo terá falhado caso a Funai não consiga liberar da tutela, até o final da administração Geisel, pelo menos um grupo indígena, os chefes de postos e toda a liderança indígena terena querem um pouco mais de tempo e, aos poucos, estão tomando conhecimento do que representará para eles a emancipação.

### CONTATO

De todas as comunidades indígenas brasileiras, talvez seja a dos terena a que está mais preocupada em preparar os seus membros para terem os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos brasileiros. Estes índios têm um contato muito antigo com a civilização e participaram, inclusive, da guerra do Paraguai lutando ao lado das tropas brasileiras.

Ao contrário de outros grupos, estes índios são respeitados na região onde vivem, e em alguns casos, chegam a constituir maioria sobre a população branca, como ocorre na aldeia Taunay, que será visitada pelo presidente.

Com uma população em torno de 5000 indivíduos, os terena estão agrupados nas aldeias de Taunay, Limão Verde, Água Branca, Ipegue, Cachoeirinha, Nioa, Buriti, Lalima, Moreira e Passarinho. Todas elas estão voltadas para atividades agrícolas e adotam um processo ainda precário de comercialização de seus produtos.

Dentro das próprias aldeias já está sendo estruturada uma organização que se assemelha com o modelo adotado pela sociedade nacional. Esta semana, por exemplo, Tiburcio Francisco, cacique da aldeia de Taunay, apresentou ao chefe de posto, Hélio de Paula, um organograma, no qual ele distribuía diversos encargos entre os índios, entre eles o de encarregado da limpeza pública, limpeza geral, do movimento das máquinas, da lavoura, das carretas de boi e até dois responsáveis para o setor de delegacia e justiça.

### LÍNGUA

Ao contrário do que ocorre com diversos grupos considerados em adiantado estágio de aculturação, que se envergonham de sua condição de índios, os terena, embora já em convívio permanente com o mundo civilizado, fazem questão de preservar seus costumes e principalmente a língua que, junto com o português, continua sendo adotada nas es-

colas das aldeias. Os índios são alfabetizados em português e em terena por professores quase todos eles índios.

Alguns índios, como Modesto Pereira, de quarenta anos, já viveram em cidades e têm uma visão exata do que representará para eles a emancipação. Mas a grande maioria, não entende o alcance da medida. "Acho que entre nós — afirma Modesto — só 10 por cento dos índios entendem bem a questão. Na minha opinião será preciso pelo menos de cinco a dez anos para atingirmos uma situação que nos permita um bom entrosamento com o mundo branco. Até hoje nós não tínhamos nenhum apoio por parte do governo, mas agora parece que ele está disposto a nos dar uma mão".

### APOIO

Mas nem Modesto consegue escapar de um certo sentimento de inferioridade que o índio, em geral, tem diante da sociedade nacional. "A cultura do índio — diz ele — não é muito diferente das outras. Só nos falta um pouco de orientação para que a gente consiga chegar à altura do civilizado. Com a crise que está ocorrendo no mundo, sei que é mais difícil ajudar os menos favorecidos, mas, para a gente competir com o civilizado precisa de grande apoio por parte do governo".

Com 77 anos, o índio Antonio Vicente, que acompanhou o general Rondon no trabalho de instalação da rede telegráfica em Mato Grosso, está preocupado com "a emancipação".

"Se a gente perder o apoio da Funai vai ser difícil. O índio é pobre e então vai ter que pagar tudo. Conta de luz, conta de água, uma porção de contas. Primeiro o índio precisa ter dinheiro".

Antonio tem boas lembranças de Rondon, com quem, segundo ele, era muito bom conversar. Hoje em dia ele já enfrenta alguns problemas com a liderança mais jovem. Um dos problemas ocorreu no início do ano quando os índios decidiram comemorar a data de criação da Aldeia de Taunay. "O novo cacique da aldeia — disse ele — é muito criança. Ele nasceu aqui e não sabe de nada. A aldeia foi criada no dia 8 de janeiro e não em fevereiro. Eu ajudei a fundar o Bananal e agora eles não querem me ouvir mais".

### PEDIDO

Vereador há dez anos, filiado à Arena, Jair de Oliveira, do grupo terena, mora hoje em dia em Aquidauana com a sua família. Embora não tenha se desligado dos problemas da aldeia, Jair disse que pretende entregar ao presidente Geisel um pedido dos terena para que o governo espere um pouco mais de tempo para emancipá-los.

"Acho que já estamos acostumados com o mundo dos civilizados no que diz respeito ao conhecimento e ao setor social.

O problema maior que ainda persiste é o nosso

atraso no campo agropecuário. Embora a mão-de-obra indígena tenha sido largamente empregada por fazendeiros em toda a região, nas aldeias os métodos utilizados são ainda muito primitivos dificultando o aumento da produtividade".

Para ele, só um maior incremento no setor poderá fazer com que o índio concorra, em condições de igualdade, com a comunidade nacional. "O poder aquisitivo do índio ainda é muito baixo, por isso a perda da tutela agora não é viável nem saudável para os índios", defende.

### PROGREDIR, O DESEJO

"O índio, hoje em dia, está rodeado de todos os lados pela civilização. O nosso Brasil tem muito desenvolvimento e não seria justo que o índio, já sabedor disso, fosse marginalizado do processo de desenvolvimento. Todo o ser humano tem vontade de progredir em todos os setores da vida. No caso da minha família, por exemplo, somos sete irmãos. Seis já têm curso superior, só faltando eu, que quero fazer o curso de Direito".

Jair defende a posição intransigente de que o processo de integração do índio deve ser lento e, no caso específico das tribos que estão entrando agora em contato com a civilização na Amazônia, ele acha que são necessárias, pelo menos mais três gerações para que atinjam um alto grau de aculturação. "Eu sempre ouço dizer que algumas pessoas são partidárias da rápida integração, outros da lenta. Eu não sei se para vocês três gerações é muito tempo mas, na minha opinião, só depois disso é que o índio estará em condições de integrar-se na sociedade".

O representante dos terena — ele foi eleito pelo voto dos índios — acha que o seu trabalho na Câmara dos Vereadores em Aquidauana contribuiu muito para que o governo se preocupasse com o índio.

"Acho que se a gente não tivesse gritado e discutido o problema do índio o governo não se interessaria por nós".



Foto da enviada especial

Jair, índio e vereador, diz que ainda é cedo para emancipar seu povo

## A própria lei é indefinida

Mesmo reconhecendo que os terena já têm, hoje em dia, uma boa compreensão do mundo civilizado, os chefes dos postos da Funai na área compartilham a posição dos índios e acham que, antes de se falar em emancipação, é preciso um amplo trabalho de desenvolvimento da comunidade.

"Este assunto começou a ser discutido a partir de dezembro, afirma Hélio de Paula, responsável por Taunay, uma aldeia com 1488 pessoas considerada pela Funai como a mais desenvolvida, e até agora não tivemos tempo de explicar a todos os índios o que é a emancipação. Além do mais, parece que o próprio governo ainda não definiu direito a aplicação de alguns pontos da lei".

Valfrido Silva, do posto Ipegue, compartilha a mesma opinião e disse que os sete chefes de postos terena estão aguardando a visita de uma comissão da Funai que realizará um levantamento da situação desses índios. Em Ipegue já se encontram índios miscigenados. Um dos chefes, Floriano Correia, membro do conselho de anciãos, importante setor dentro da tribo que é sempre consultado nas questões mais delicadas, diz que muitas pessoas não o consideram índio.

"Sou filho de pai civilizado e mãe índia, diz ele, mas vivo aqui desde 1910 quando ainda era muito criança. Eu me considero índio assim como os meus companheiros.

Falo a língua terena e sempre vivi na aldeia".

### NAO HÁ PRESSA

Ao tomar conhecimento da preocupação dos índios com a possibilidade de uma emancipação brusca, a Funai, em Brasília, voltou a dizer que a escolha da aldeia de Taunay para a primeira visita do presidente Geisel a uma área indígena não significa que seja intenção do governo emancipar estes índios até janeiro de 1979.

A Funai reconhece que seria bastante temerário liberar estes índios da tutela, antes de garantir-lhes, principalmente, um amparo financeiro. Sem dúvida, os terena preenchem uma série de quesitos para se emanciparem. Inclusive o fato de terem um bom entrosamento com a comunidade não índia da região onde vivem, na boca do Pantanal mato-grossense.

Mas, mesmo se reconhecendo o alto grau de aculturação de um grupo como os terena, antropólogos e indigenistas acham que a perda da tutela é um assunto que precisa, antes de tudo, ser estudado com profundidade para que a experiência não venha a prejudicar uma das poucas comunidades indígenas brasileiras que não chegou a ser totalmente mutilada em decorrência do irreversível contato com o mundo civilizado.